

Breve histórico da imprensa em Cuba até o século XIX*

Bertha Verdura Marino**

Resumo

Breve relato da imprensa em Cuba, desde as suas origens até o século XIX. Traz uma descrição do surgimento da imprensa no país, seus pioneiros e desenvolvimento ao longo dos anos, coincidindo com o surgimento da identidade nacional. O texto faz referência ao reflexo, na imprensa, do pensamento nacionalista e do que há de mais florescente na intelectualidade cubana, assim como as lutas contra o colonialismo espanhol.

Palavras-chave: imprensa, história, Cuba.

Resumen

Breve esbozo de la prensa en Cuba desde sus orígenes hasta el siglo XIX. Se describe el surgimiento de la prensa en Cuba, sus pioneros, desarrollo a lo largo de los años que coincide con el surgimiento de la identidad nacional. Se hace referencia al reflejo en la prensa del pensamiento nacionalista y de lo que hay como más floreciente de la intelectualidad cubana, así como las luchas contra el colonialismo español.

Palabras-clave: prensa, historia, Cuba.

Abstract

The article briefly describes the press history from its origin to the XIXth century, showing the most outstanding intellectual characters and progressive thinking of the time involved; as well as the coming up of the Cuban cultural identity and the press influence on this anti colonial Spanish movement in favor of the Cuban Independence.

Keywords: press, history, Cuba.

* Palestra apresentada no I Colóquio Brasil-Transfronteiras de Ciências da Comunicação, XXIV Congresso da Intercom, realizado em setembro de 2001 em Campo Grande (MS).

** Professora do Instituto Superior de Relaciones Internacionales de Cuba e da Faculdade de Comunicação da Universidade de Havana.

E-mail: verdurab@yahoo.es

O surgimento da imprensa em Cuba está, logicamente, vinculado à introdução da tipografia na Ilha. Segundo pesquisas bibliográficas sobre a época, como a de Antonio Bachiller y Morales, intitulada *Apuntes para la Historia de las Letras y la Instrucción Pública*, essa introdução teria ocorrido em 1723 através do impressor francês Carlos Habré. Toribio Medina descreve uma obra impressa datada com créditos editoriais de Carlos Habré (ROIG DE LEUCHEIERING, 1941) em 1721. No entanto, o folheto mais antigo existente é *Tarifas General de Precios de Medicinas*, editado por Havre em Havana, datando de 1723 (*Id.*). Mais adiante, em 1735, as autoridades espanholas concedem licença ao Sr. Francisco de Paula para a instalação de outra gráfica. Em 1763, Blas de Olivos torna-se proprietário de uma gráfica outorgada pela Capitania Geral (*Id.*), depois de apresentar uma solicitação à Capitania Geral para fomentar a tipografia em Cuba e ter seu pedido negado pela carta régia de 20 de janeiro de 1745. Estes estabelecimentos, na verdade, dedicavam-se a editar *El Almanaque Anual de la Isla*, isto é, as ordenações, tarifas de preços comerciais e outros serviços autorizados pelas autoridades espanholas.

Os primeiros jornais

Em maio de 1764, começou a ser publicado um jornal oficial de frequência semanal, composto por quatro páginas e editado na tipografia da Capitania Geral (*Id.*). Segundo o historiador Jacobo de la Pezuela, este jornal limitava-se a anunciar compras e vendas, chegadas e saídas de embarcações do porto. É apenas em 8 de novembro de 1782 que surge a primeira publicação oficial das autoridades espanholas, o jornal *Gazeta de la Havana*, que trazia como conteúdo notícias em geral e anúncios comerciais. Existem dois exemplares deste jornal: o n° 3, de sexta-feira, 22 de novembro de 1782, e o de 15 de novembro do mesmo ano.

O papel da imprensa no final do século XVIII foi de fundamental importância para as origens da consciência cubana, que teve na figura do Padre José Agustín Caballero um de seus expoentes máximos. No dia 24 de outubro de 1790 sai o primeiro número do *Papel Periódico de la Havana*, considerado o primeiro jornal de relevância em Cuba nessa época.

Nas páginas deste jornal, Agustín Caballero – seu redator, colaborador e editorialista – desenvolveu uma atividade intelectual e patriótica ostensiva nos vários artigos de sua autoria. Também trabalharam como redatores, o cientista cubano Don Tomas Romay, os intelectuais

Francisco Arango y Parreño, Nicolás Calvo, Luis Peñalver e outras importantes figuras do pensamento cubano da época. O jornal foi impresso no formato de quatro páginas. Durante seu primeiro ano, dez números foram publicados, passando para dois números semanais entre 1791 e 1805. Em maio de 1805, o jornal muda seu nome para *Aviso*, o qual foi mantido até 1808. Em 1848, após várias mudanças de nome, passa a chamar-se *La Gaceta de La Habana* (*Id.*).

La Gaceta de La Habana, que era entregue nos domicílios, foi muito bem aceita pelo público e, segundo Agustín Caballero, “promoveu as Letras, Ciências e Artes”. Neste jornal, escreviam notáveis intelectuais da época. Um dado curioso era a existência de uma caixa de correio onde eram depositadas poesias, cartas, etc, selecionadas pelo redator. As polêmicas literárias eram um de seus aspectos mais interessantes, bem como a publicação de materiais folclóricos que refletiam a idiossincrasia dos moradores da Havana da época.

Suas páginas traziam dados e notícias sobre história, geografia, agricultura, medicina, comércio, educação e outros temas. Além disso, foram publicados artigos em defesa dos escravos como, por exemplo, os que datam de 5 e 8 de maio de 1791, atribuídos ao presbítero J. Caballero. Os autores de artigos e poesias adotavam pseudônimos para assiná-los.

Segundo o historiador Guiteras, “Este jornal tem o mérito indiscutível de ser o único espaço onde o cubano desejoso de informações locais pode recorrer para conhecer as características e a extensão das idéias de nossos avós, seus costumes e preocupações, suas necessidades e meios de satisfazê-las. Tudo isso, descrito com a variedade de formas e estilos inerente a esse tipo de publicação, e com o comedimento ou veemência, a moderação ou mordacidade próprias à índole dos indivíduos, do tema ou das circunstâncias. Enfim, qualquer artigo deste jornal tem grande valor, na medida em que faz parte do patrimônio documental acerca do surgimento da nação cubana, de sua cultura e vida, até o primeiro terço do século XIX” (*Id.*).

Em 1800, surge o *Regaión de La Havana*. Seu editor, Pascual Ferrer, foi quem elaborou as primeiras normas técnicas para jornalistas na Ilha. Nesse jornal, abundavam críticas literárias, propagandas, notícias internacionais, entre outras, tendo sido editado até 1802. Estes jornais estiveram subordinados à forte mordada da censura espanhola que perdurou durante todo o período colonial.

Com a promulgação da Constituição de 1812 na Espanha, várias concessões e liberdades foram outorgadas no governo aos peninsulares, sendo promulgada a primeira Lei de liberdade de imprensa. Em Cuba, isto fez com que emergissem e se multiplicassem publicações periódicas de todos os tipos. Assim, entre 1812 e 1832 surgem mais de duzentas publicações (científicas, literárias, políticas, recreativas e folclóricas), não apenas em Havana, mas também ao interior da Ilha – Puerto Príncipe, Santiago de Cuba, Matanzas, Cienfuegos e outras localidades.

Ao fazer referência a este período, o historiador Jacobo de la Pezuela afirmou: “Movidos por um impulso comum, todos os jornalistas antigos e mesmo alguns novos romperam suas mordças. Podemos citar o *El Revisor Político y Literario*, que publicou 71 números até 1823, onde se plasmaram os ideais da aristocracia *criolla* e, portanto, o surgimento do nacionalismo cubano. Notáveis intelectuais da época escreveram neste jornal, e foram publicadas as discussões suscitadas em instituições acadêmicas sobre a independência de Cuba, o que fez com que essa publicação fosse fechada pelas autoridades espanholas”.

A figura de Felix Varela

No início do século XIX, um jovem sacerdote chamado Félix Varela atraiu a atenção do mundo intelectual de Havana. Professor de filosofia nos Seminários de San Carlos e San Ambrosio, em Havana, e discípulo do Padre José Agustín Caballero, Varela conquistou um lugar destacado na evolução do pensamento cubano, com entusiasmo e valentia em suas contribuições filosóficas, profundamente revolucionárias para sua época.

O Padre Varela sabia o que sua cátedra no Seminário representava para a educação política de um povo que não tivera, até então, o benefício da orientação cívica, e assim, suas idéias ultrapassaram o recinto acadêmico. Em 1813, Varela começa a escrever suas obras e proferir suas aulas em espanhol, e não em latim, como estava estabelecido. Devido ao seu forte arraigamento patriótico, entrou na política e foi eleito deputado para as cortes espanholas (1822-1823). Tomou posse do seu cargo, a despeito dos esforços da burguesia colonial espanhola para impugnar sua eleição. No dia 18 de abril de 1821, ele parte de Havana, a bordo da fragata La Purísima Concepción, de onde avista a costa Cubana pela última vez.

* N.T.: O termo criollo se refere aos descendentes de espanhóis nascidos na América Hispânica.

Varela era um dos três únicos deputados que representavam a Ilha nas Cortes Espanholas, onde participou ativamente das discussões de temas referentes a Cuba. Seu ideário independentista pode ser sintetizado na seguinte afirmação: “Sou contra a união da Ilha a qualquer governo, desejaria vê-la tão ilha na política, quanto na natureza” (*Obras Completas*, p.10). Com a queda do regime constitucional espanhol, em 1823, o liberalismo foi sepultado na Espanha, razão pela qual Varela foi perseguido e obrigado a exilar-se em Gibraltar, de onde se mudou para os Estados Unidos, decepcionado com a política espanhola e convencido de que a “Espanha era um cadáver que só produziria corrupção e morte”.

Em 1824, nos Estados Unidos, Varela começa a publicar o jornal *El Habanero*, primeira manifestação jornalística de caráter independentista, assinando seus artigos e panfletos, nos quais predominavam a lógica e a razão. Foi nesse jornal que Varela materializou suas idéias políticas que conduziram à criação de uma consciência nacional. Advogou pelo movimento independentista e por uma revolução arquitetada sem ajuda estrangeira. É quando afirma: “Não quero que Cuba seja livre se sua economia está dominada”, e adverte: “A independência dos povos deve ser feita sem ajuda estrangeira”. Também lutou pela abolição da escravidão.

As idéias de Varela tiveram ampla repercussão em Cuba. Sempre sustentou um diálogo com os cubanos da Ilha, que por sua vez o mantiveram informado da situação do país. Seus compatriotas ajudaram-no a financiar o jornal, publicado em folhetos de pequeno formato (18 x 11 cm). Os dois primeiros números tiveram o seguinte texto como manchete: *El Habanero* – Papel Político, científico e literário. Redigido por Felix Varela.

El Habanero produziu uma grande comoção na sociedade cubana. Aqueles que o recebiam, copiavam-no, e assim era distribuído. Varela enviava o jornal para Cuba dobrado em quatro dentro de envelopes, sem remetente. Foram publicados sete números entre 1824 e 1826. Depois do terceiro, quando a vigilância do serviço postal espanhol fica mais rígida no que se refere ao registro das cartas, o jornal era introduzido em Cuba na bagagem de viajantes, principalmente dos estrangeiros – razão pela qual existem tão poucas coleções do jornal *El Habanero* em Cuba, e nenhuma delas completa. Os governantes espanhóis decretaram uma ordem real que proibia sua distribuição e circulação na Península e ilhas adjacentes. Outro dado da repressão ao jornal, foi a tentativa de assassinato sofrida por Varela.

Quando chega ao fim a publicação de *El Habanero*, Varela se muda da Filadélfia para Nova York, mas sua inquietação e ativismo a favor do desenvolvimento de uma consciência patriótica acompanharam-no até o seu falecimento, em 25 de fevereiro de 1863, na Flórida. O presbítero deixou assegurado o caminho para os ideais defendidos na primeira guerra de independência cubana iniciada em 1868. Felix Varela foi, portanto, o primeiro intelectual cubano a colocar seu talento e sua pena a serviço da liberdade de sua pátria.

Outras publicações cubanas

El Siglo foi um jornal conservador dos donos de engenhos e escravos. Fundado por José Quintín Suzarte em 1862, foi um órgão do Partido Reformista e, como tal, seu porta-voz. Esse jornal se propôs a convencer à metrópole da conveniência de uma mudança no regime político colonial, assim como, a reclamar melhorias frente à Espanha por vias pacíficas. Defendia a igualdade de direitos políticos para cubanos e espanhóis, a representação dos cubanos nas cortes, a liberdade de cultos e a proibição absoluta e verdadeira do tráfico de escravos – ainda que, em geral, tenha sido moderado no que se refere à escravidão. Todas essas posições não foram bem vistas pelos jornais ultraconservadores da época: *La Prensa* e *Diario de La Marina*.

A atividade principal de *El Siglo* foi divulgar informação sobre a agricultura, que era considerada a base da economia cubana. A Espanha negou todas as concessões solicitadas e o movimento reformista chegou ao fim, levando o jornal *El Siglo* com ele. Com o objetivo de fazer frente às campanhas difamatórias empreendidas pelos espanhóis nos Estados Unidos contra a independência de Cuba – em jornais como *La Crónica* e *The New York Herald* – fundou-se em Havana, em junho de 1852, *La Voz del Pueblo Cubano*, órgão da independência, com uma tiragem de dois mil exemplares, que causou surpresa e indignação junto às autoridades espanholas. O jornal era integralmente escrito pelo jornalista Juan Bellido de Luna, oriundo da localidade havaneira de Regla.

Em seu primeiro editorial, *La Voz del Pueblo Cubano* afirmava: “Este jornal tem por objetivo representar a opinião livre e franca dos *criollos* cubanos e propagar o sentimento nobre de liberdade que um povo culto deve ter. Não tememos ser denunciados por uma infame delação.

Morreremos, mas somente depois de ver prestado tão importante serviço à santa causa de nossa querida pátria” (*Id.*). Na perseguição aos defensores do jornal, os espanhóis realizavam inúmeras prisões em residências, comércios, etc. Muitos cubanos foram detidos, como pode ser constatado nas atas do Arquivo Nacional de Cuba (LLAVERÍAS, 1929).

Suas páginas estiveram sempre marcadas por artigos a favor da independência de Cuba, instigando a derrocada do governo colonial e denunciando os abusos cometidos pelos espanhóis. Em 23 de agosto de 1852, com seu último número pronto para ser entregue, a polícia espanhola invadiu a sede do jornal, por conta de uma delação. Seu redator, Bellido de Luna, conseguiu fugir do país, mas o tipógrafo Eduardo Fasciolo y Alba, de 23 anos, foi detido e assumiu a responsabilidade pela edição do jornal, sendo por isso fuzilado no dia 13 de setembro de 1852. A partir desse momento, o jornalismo cubano tem seu primeiro mártir.

La Aurora

Foi um jornal operário que publicava artigos de cultura geral, ao mesmo tempo em que narrava os problemas dos trabalhadores da época. Denunciava a tirania dos donos das fábricas de tabaco, as más condições sanitárias dos locais, bem como os abusos e maus-tratos sofridos por operários e aprendizes.

Duas reputadas publicações, a *Revista de Cuba* e *La Revista Cubana*, traziam para a Ilha notícias sobre o mundo, assim como as últimas correntes literárias, filosóficas e científicas da época, enquanto uma terceira revista, *Hojas Literarias* (março de 1803 a dezembro de 1894), era “o foco mais ativo do pensamento revolucionário dentro da colônia”, segundo R. Roa. Redigida por Manuel Sanguily – grande revolucionário e personalidade intelectual do século XIX – *Hojas Literarias* alcançou uma grande difusão dentro e fora do país e, em 23 de agosto de 1893, teve suas edições apreendidas, sendo Sanguily processado. Martí afirmou que “*Hojas Literarias* foi a tribuna de onde, com a palavra (...), enfrentando o inimigo e numa época em que era delito exaltar façanhas e heroísmos da guerra, assim como, explicitar anseios de liberdade, Manuel Sanguily vociferava contra todas as injustiças. Ninguém disse tantas verdades de uma só vez, nem de forma mais viva, o clamor vigoroso”.

El Cubano Libre

Na época da luta independentista foram editados vários jornais revolucionários, dos quais mencionaremos *El Cubano Libre*, que nasceu na cidade de Bayamo, no leste da Ilha, em 17 de outubro de 1868. Afirma-se que o jornal surgiu por inspiração do herói e patriota da Guerra da Independência, Carlos Manuel de Céspedes, durante a Guerra dos Dez Anos. Seu primeiro número trazia um artigo assinado por Céspedes que garantia à população de Bayamo sua segurança, e continha notícias do que acontecia na guerra. Em suas páginas, foram publicadas as duas primeiras estrofes de La Bayamesa – hoje o Hino Nacional – originalmente de autoria de Perucho Figueredo.

El Cubano Libre foi publicado durante dois meses até que se fez necessária sua suspensão porque os espanhóis atacariam Bayamo, e seus habitantes, então, preferiram incendiar a cidade a entregá-la aos espanhóis. Não obstante, hoje, a máquina impressora deste jornal está exposta na casa natal de Céspedes, em Bayamo, tendo ele ordenado seu traslado diante do incêndio da cidade.

O governo espanhol tomou algumas medidas para combater o independentismo, entre elas, uma certa abertura quanto à liberdade de imprensa, emitindo, para isso, um decreto em 9 de janeiro de 1869, que permitiu o surgimento de cento e cinquenta novas publicações. No entanto, esta liberdade de imprensa durou apenas 34 dias, já que os espanhóis emitiram um novo decreto estabelecendo a censura.

Quando tem início a guerra de 1895, o herói da Guerra da Independência, Antonio Maceo, retomou a publicação do jornal *El Cubano Libre*, feita clandestinamente nos locais onde lutavam os patriotas independentistas. No jornal, publicado até o ano de 1898, escreveram importantes intelectuais da época, tais como José María Heredia, José Miró Argenter e o doutor Castillo Duany, entre outros. Antonio Maceo definiu o *Cubano Libre* “como um corpo de exército de 12 colunas”, equivalentes para ele a um reforço de quinhentos homens. Quando acaba a Guerra da Independência, *El Cubano Libre* se constitui num severo crítico da intervenção e ocupação militar norte-americana em Cuba.

Outros jornais revolucionários

Podemos mencionar o *Boletín de la Guerra*, que funcionou como órgão oficial do Governo Militar, de 1873 a 1875; *El Mambí*, *La Estrella Solitaria*; *La República*; *Las Villas*, que começou a ser publicado na zona de Sancti Spíritus em 1874; *Cuba Libre*, de 1897; *La Independencia*, fundado em 1895 e que circulou pela zona de Manzanillo até o fim da guerra; *La Sanidad*, redigido por médicos com o objetivo de oferecer informações sobre as medidas sanitárias tomadas nos campos de Cuba onde ocorria a Guerra. Caberia também mencionar *Montero Libre*, *La Verdad*, *La Estrella de Jagua* e *La Manigua*, entre outros.

É possível observar a irregularidade de edição como uma das características preponderantes destes jornais, motivo pelo qual não existe uma quantidade significativa de exemplares conservados nos arquivos. Os jornais eram distribuídos gratuitamente no campo, na cidade e entre os emigrantes. Sua circulação se dava através das agências de correio, também chamadas de Correo Mambí. No exterior, ajudados pela emigração, foram publicados numerosos jornais (mais de quarenta e seis), com o objetivo de defender o programa independentista.

José Martí

A história da imprensa em Cuba, por mais breve e concisa que seja, não pode ser escrita sem a referência ao extraordinário papel desempenhado pela obra jornalística de José Martí. Uma das grandes personalidades da Modernidade da América, Martí foi, sobretudo, um patriota que dedicou sua vida e sua obra a serviço da independência de Cuba. Tal foi sua atuação enquanto poeta, escritor, catedrático, orador, e na sua obra jornalística de grande relevância e prodigalidade, que o notável historiador cubano contemporâneo José Antonio Portuondo afirma: “Se alguma vez o Mestre tivesse que especificar sua profissão, teria inclinado-se pela de jornalista”.

No dia 19 de janeiro de 1869, antes de completar dezesseis anos, Martí publica seu primeiro artigo de caráter político no jornal *El Diablo Cojuelo*, editado por seu amigo Fermín Valdés Domínguez. Dias depois, Rafael María de Mendive funda, em Havana, o jornal chamado *La Patria Libre*, onde Martí apresenta seu único poema dramático, “Abdala”, que tematiza a luta pela independência de Cuba. Martí só chegou a ter acesso a um número do jornal, datado de 23 de janeiro de 1869, composto por oito laudas com três colunas.

Como estudante, Martí é preso, condenado a trabalhos forçados e expatriado para a Espanha. Ali colaborou com vários jornais espanhóis que condenavam os abusos que a Espanha cometia contra Cuba, entre eles: *La Discusión*, *La República Ibérica*, *La Cuestión Cubana* e o *Jurado Federal*. Nesses jornais, ele se propôs a criar na opinião pública espanhola um clima favorável à liberdade de Cuba.

Em 1875, Martí se muda para o México, governado então por Lerdo de Tejada, sucessor do Presidente Benito Juárez. É no México que Martí cresce como jornalista. Com pouco tempo neste país, já era conhecido e admirado como jornalista, professor, dramaturgo, orador e poeta. Seu primeiro artigo, à propósito de uma tradução de um livro de Victor Hugo, é publicado no dia 17 de março de 1875 na revista *Universal*, de onde ele se ergue enquanto defensor da causa cubana. O primeiro artigo de Martí sobre a guerra de Cuba contra a Espanha aparece nas páginas desta revista, no dia 21 de maio de 1875. Tanto neste artigo, quanto nos que se seguiram, seu discurso, apesar do tom comedido, provocou uma atitude hostil por parte de alguns grupos de espanhóis residentes no México. A revista *Universal* sai em defesa de Martí com uma declaração na qual afirma que a questão de Cuba era uma questão americana e que a revista se solidarizava com as opiniões do cubano que nela escrevia.

Na revista, Martí redige editoriais, artigos e colabora na edição do jornal em todos os seus detalhes. Foi responsável pelo que se chamou de boletins, onde se relatava e comentava a atualidade política, literária e social do México. Estes eram assinados com o pseudônimo de Orestes.

É no México onde Martí se aprofunda no conhecimento da situação do que chamou “Nossa América”. Sua pena esteve sempre pronta para expressar as realidades do continente americano (a cultura de seus aborígenes, sua história, suas realidades), assim como criticar as imitações que eram feitas de tudo que era europeu. Nesse sentido, ele afirma: “O

chamaria de “La revista Guatemalteca”, que nunca aconteceu por ter sido obrigado a sair da Guatemala e renunciar seu cargo na Escola Normal.

Terminada a Guerra dos Dez Anos em Cuba, Martí volta a sua pátria onde, obviamente, não pôde exercer o jornalismo. É deportado novamente em setembro de 1879. Viaja para Nova York em janeiro de 1880, onde permanece apenas um ano. Pela primeira vez, começa a escrever em inglês na revista literária *The Hour* como crítico de arte. Nesta revista, publica artigos de grande valor sobre a vida norte-americana. Viaja para a Venezuela em fevereiro de 1881 por motivos pessoais. Para tal, recebe ajuda financeira de seu amigo Charles Dana, diretor do jornal *The Sun*, em troca de crônicas que deveria enviar ao jornal.

Em Caracas, foi bastante admirado pelos seus dotes de orador, sobretudo entre os jovens. Apoiado pelo diretor do jornal *El Nacional*, Martí cria finalmente sua própria publicação: *La Revista Venezolana*, editada na gráfica do mencionado jornal. Seu primeiro número aparece no dia primeiro de julho de 1881. O segundo, no dia 15 de julho do mesmo ano e, assim como o anterior, também está composto de 32 páginas. Nele há uma introdução de Martí sobre a proposta da *Revista Venezolana*. Por conta da sua apologia a Cecilio Acosta, que desagradou o então presidente da Venezuela, Antonio Guzmán Blanco, a revista teve de ser fechada. Despede-se dos venezuelanos através de uma carta dirigida a Fausto Teodoro Harby onde afirma “De América sou filho e a ela me dou”.

Em 1889 retorna a Nova York e, em julho desse mesmo ano, começa a publicar o jornal infantil *La Edad de Oro*. Martí escreve: “Trabalhamos para as crianças porque elas sabem amar, porque elas são a esperança do mundo”. Este foi um jornal mensal do qual somente quatro números foram publicados, com um total de 128 páginas. Sua introdução é um texto cheio de amor e conselhos para meninos e meninas.

Em Nova York, Martí continua colaborando com o jornal venezuelano *La Opinión Nacional*, enviando oito crônicas por mês, escritas de forma brilhante – versando sobre a situação européia, problemas comerciais, comentários de livros e outros – que são publicadas, ao mesmo tempo, em outros jornais da América Latina, tais como *La Pluma* de Bogotá e *El Pensamiento* de Colômbia.

Martí é convidado a ser correspondente do jornal argentino *La Nación*, um dos mais importantes jornais latino-americanos da época, onde publica seu primeiro artigo no dia 13 de setembro de 1882. Nele, afirma: “Nestes

tempos de criação, a imprensa não pode ser mero veículo de notícias, nem simples escravo de interesses, nem escape de exuberante e pomposa imaginação”. Em suas páginas, ele descreve o rosto do império do Norte, driblando a censura de seu proprietário, Don Bartolomé Mitre.

Mitre escreve a Martí uma carta sobre sua primeira crônica, desculpando-se por ter suprimido certas passagens que, pelo seu radicalismo na forma e nas conclusões ao tratar da organização política e social dos Estados Unidos, poderiam levar a crer que *La Nación* estaria fazendo uma campanha contra esse país. Martí publicou nesse jornal 200 crônicas que constituem o maior acervo de sua vida jornalística.

No mesmo ano de 1882, Martí escreveu para a revista de língua espanhola *La América*, editada nos Estados Unidos, da qual passou a fazer parte da redação, chegou à sua direção, até ser seu único redator. Esta revista, onde escreveu importantes artigos sobre assuntos econômicos e comerciais, percorreu o continente americano. Nela ficou plasmado muito do pensamento de Martí, seu americanismo e sua visão do futuro da América. Seu trabalho foi admirado por ilustres latino-americanos, tais como Domingo Sarmiento e Ruben Darío.

Nesse momento, Martí multiplica suas colaborações em diversos jornais da América Latina: *La República*, de Honduras, *El Partido Liberal*, do México, *La Opinión Pública*, de Montevidéu e outros. Nos Estados Unidos, colaborou com *El Economista Americano*, além de vários outros jornais. Cada vez mais comprometido com a causa da libertação de Cuba, sustenta polêmicas com os jornais *The Evening Post*, de Nova York e *The Manufacture*, da Filadélfia, que difamavam os cubanos. Estes artigos ultrajantes, traduzidos do inglês e seguidos de suas réplicas, foram publicados em sua obra *Vindicación de Cuba*.

Pedro Pablo Figueroa, renomado escritor chileno da época, descreve o trabalho jornalístico de Martí com as seguintes palavras: “José Martí é um jornalista que conferiu brilho à imprensa americana com seus escritos, no período que esteve em Nova York”. Gonzalo de Quesada, um estudioso da vida desse apóstolo, diz: “Seu trabalho como correspondente de jornais na América Central e do Sul equivale a uma revisão completa de todos os acontecimentos contemporâneos da América Latina e Estados Unidos” (*The War in Cuba*, 1896).

Em 1891, Martí renuncia seus cargos de Presidente da Sociedade Hispano-americana e todas as colaborações nos diversos jornais, Cônsul da Argentina, Paraguai e Uruguai entre outros, e se concentra totalmente

na criação do Partido Revolucionário Cubano, fundado para fazer a necessária guerra pela libertação de Cuba do jugo espanhol, e que já contava com forças políticas e militares capazes de fazê-la triunfar.

Assim, José Martí e seus colaboradores mais próximos deram a vida a um órgão de difusão que continha os fundamentos do aparelho político que estava sendo organizado, levando a mensagem de apoio e combate, e se propôs a levantar uma trincheira de idéias que, naquele momento de gestação, era mais importante que trincheiras de pedra. Com esse objetivo, no dia 14 de março de 1892, foi fundado o jornal *Patria*, órgão do Partido Revolucionário Cubano. Editado em Nova York, saía todos os sábados, composto por quatro páginas de quatro colunas e distribuído via correio. Contribuíram para seu financiamento os emigrados cubanos, fundamentalmente os tabaqueiros de Tampa e Cayo Hueso, assim como a população de Cuba e Porto Rico. A direção de *Patria* foi ocupada por Martí, que afirmou: “Isso é *Patria* na imprensa, um soldado” (LLAVERÍAS, 1929).

O jornal *Patria* era encarregado de disseminar a verdade sobre Cuba. Em seu primeiro número, Martí escreveu: “Este jornal nasce na hora do perigo, com o objetivo de contribuir para que suas forças sejam invencíveis pela união, e para evitar que o inimigo, mais uma vez, vença por culpa de nossa desordem”, e acrescenta: “a verdade chega mais rápido ao seu destino quando se fala com primor e não haveremos de selecionar e ocultar a verdade útil”. *Patria* publicou as Bases do Partido Revolucionário Cubano, dedicou atenção também aos problemas de Porto Rico e a questão da anexação, combatendo-a arduamente. Denunciou o caráter falacioso de uma guerra de raças, destacou a necessidade de empreender uma guerra organizada e tratou os problemas sociais dos cubanos.

Americanismo e antiimperialismo estão presentes em todo o jornal, cujas análises mais lúcidas são aquelas de autoria da pena de Martí. Em *Apuntes sobre los Estados Unidos* (1894), Martí contribuiu para revelar aspectos profundos da nação norte-americana. A partir do momento em que se soube que Cuba estava em pé de guerra, *Patria* alerta aos cubanos, divulgando os atos de apoio entre os emigrantes e incitando a colaboração e a ida para o campo onde se travava a luta. Da mesma forma, invocava o apoio das nações hispano-americanas e do povo norte-americano.

Com a morte de Martí, o jornal *Patria* informa oficialmente: “quando este número entrava na gráfica, recebemos a cruel certeza de que já não existe o apóstolo exemplar, o mestre querido, o abnegado

José Martí” (17 de junho de 1895). O pensamento de Martí continua vigente no jornalismo cubano revolucionário da atualidade. O dia 14 de março, data de nascimento do jornal *Patria*, foi escolhido para a celebração do Dia da Imprensa Cubana.

Em resumo, o desenvolvimento da imprensa em Cuba no século XIX permite constatar o processo de gestação de uma identidade nacional. A imprensa recolheu a tradição ilustrada e a maturidade das idéias que fizeram emergir um pensamento anticolonialista, antiescravagista, patriótico e independentista.

Referências Bibliográficas

- CEPERO BONILLA, Raúl. El Siglo, Vocero del Reformismo. *Revista Universidad de La Habana*, número 177, p.45-63.
- GONZÁLEZ, Rolando. *La Diplomacia del delegado*. La Habana: Editorial Política, 1998.
- ENRÍQUEZ UREÑA, Camila. *En torno a Martí el Periodista. Historia de la Prensa en Cuba*. La Habana, 1941.
- LIMA LEZAMA, José. El Regañón y el Nuevo Regañón. *Boletín Comisión Cubana de la UNESCO*. La Habana, 1965.
- LLAVERÍAS, Joaquín. *Martí Periodista*. La Habana, 1929.
- _____. *Contribución a la historia de la prensa periódica*. La Habana, 1957.
- MARRERO, Juan. *Dos Siglos de Periodismo en Cuba*. La Habana: Editorial Pablo de la Torriente, 1999.
- MARTÍ, José. *Obras Completas* Tomo 8. La Habana: Ed. Ciencias Sociales, 1975.
- ROIG DE LEUCHEIERING, Emilio. *El sesquicentenario del Papel periódico de La Habana*. La Habana, 1941.
- VITIER, Cintio. *Semblanza de José Martí*. Centro de Estudios Martianos, 1994.